

## **VERSÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NA PSICANÁLISE E NA CULTURA: DO DESEJO DO SUJEITO À MORAL SEXUAL CONSERVADORA**

*Luciana Marques*

O presente trabalho, um breve recorte de minha pesquisa de doutorado sobre as “Versões da homossexualidade na psicanálise”, visa apontar para o lugar da homossexualidade no cenário atual, a partir de questões políticas e culturais, que ainda hoje apresentam-se tangenciando discursos homofóbicos, calcados no ideal da heterossexualidade enquanto norma, que proliferam o julgamento e a estigmatização do sujeito a partir da avaliação de critérios comportamentais que excluem qualquer referência ao desejo e à subjetividade.

Este cenário, que se revela pela força do discurso moral conservador, já indicado por Freud há mais de um século, nos convoca, enquanto analistas, a reafirmar o discurso da psicanálise enquanto discurso calcado na ética do desejo, visando contribuir para o fim definitivo do tratamento retroativo da sexualidade pela via do normal e do patológico, que se difunde pelo imaginário social da complementaridade dos sexos e, por vezes, ainda invade o discurso psicanalítico.

Em 28 de março deste ano (2011), o Deputado Federal pelo Partido Progressista (PP-RJ), Jair Bolsonaro, causou indignação após participar do quadro “O povo quer saber” do programa “CQC” exibido pela Rede Bandeirantes. O parlamentar, que em entrevista defendeu a ditadura e falou em promiscuidade ao se referir à impossibilidade de seu filho se apaixonar por uma negra, gerou ainda mais indignação quando questionado sobre o que aconteceria se tivesse um filho gay. O deputado foi enfático: “Isso nem passa pela minha cabeça porque eles tiveram uma boa educação. Eu sou um pai presente, então não corro esse risco”. Completando seu pensamento homofóbico, afirmou a impossibilidade de, como parlamentar, participar de desfiles promovidos

pelo movimento gay, e declarou: “Eu não iria porque eu não participo de promover os maus costumes, até porque acredito em Deus, tenho uma família e a família tem que ser preservada a qualquer custo, se não uma nação simplesmente ruirá”. (BOLSONARO, 2011)

Também recente foi o caso do Pastor Silas Malafaia que durante campanha política, em outubro de 2010, com o intuito de angariar votos para seu irmão, Samuel Malafaia, candidato a Deputado Estadual para o Rio de Janeiro, distribuiu cerca de 600 outdoors onde, ao lado de sua foto, vinha o dizer: “Em favor da família e preservação da espécie humana. Deus fez o macho e a fêmea”. (PASTOR HOMOFÓBICO ESPALHA OUTDOORS CONTRA GAYS NO RIO DE JANEIRO,2010)

Outro exemplo atual e notório desse tipo de pensamento foi promovido por alguns auto-intitulados “Psicólogos de Cristo”, que agem contra o código de ética profissional e fazem uma mistura já conhecida entre ciência e religião. O Projeto de Lei nº 717 de 2003 que tramitava na Assembléia Legislativa do Rio, previa um programa de auxílio do governo a pessoas que “voluntariamente optarem pela mudança da homossexualidade para a heterossexualidade”.

Estes são alguns dos infelizes exemplos de nosso cenário atual e, a fim de que possamos tratar, de forma breve, as mudanças de discurso no que tange a sexualidade e a moral sexual atual, iniciaremos nosso percurso ressaltando um dos aspectos mais relevante da história: anteriormente ao advento da lei mosaica, poucas culturas demonstravam qualquer preocupação significativa com as relações existentes entre pessoas do mesmo sexo; o que, segundo o historiador Willian Naphy, leva os pesquisadores a concluir que a homossexualidade não era condenada em lado algum como licenciosidade, imoralidade, doença social ou transgressora de qualquer lei humana ou divina. (NAPHY, 2006)

Somente com o início da influência do pensamento monoteísta é que surge a idéia de colocar amor, sexo e procriação no mesmo espaço: o casamento. A partir de então, politeísmo se transforma em monoteísmo e sexo-por-prazer em sexo-para-procriação.

Assim, a situação começa efetivamente a mudar no século XII, quando a Igreja resolve despertar um maior e mais específico interesse pelas questões da sexualidade. O passo seguinte, ao apogeu do domínio do mundo pelo pensamento cristão europeu, foi unir ciência, religião e política. Como consequência, a homossexualidade, que na antiguidade era considerada uma forma de amor, passa a ser encarada como um vício satânico pela Igreja para, em seguida, ser classificada como perversão pela psiquiatria do século XIX. Desta forma, caminham paralelamente as idéias eclesiásticas e científicas: a igreja, preocupada em indicar a fronteira entre o natural e o anti-natural, punia aqueles que transgredissem os mandamentos divinos; em contrapartida, o discurso da ciência tratava de discernir o normal e o patológico, para então retirar qualquer possibilidade de escolha responsável por parte do sujeito.

Foi neste cenário, em que a terminologia passava por múltiplas variações e a nosologia apresentava-se bastante flexível que, paralelamente, Freud subverteu a concepção de sexualidade humana, marcando o lugar da psicanálise e apontando para um discurso distinto da moral social.

Com a idéia de sexualidade, que alicerça toda a construção da doutrina psicanalítica, e com o conceito de pulsão, enquanto primeiro eixo diferenciador do pensamento até então vigente, Freud encarregou-se de romper com o discurso biologizante sustentado pela sexologia, e marcou a posição da psicanálise no que tange a escolha homossexual:

A psicanálise considera, antes, que a independência da escolha objetal em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos, tal como observada na infância, nas condições primitivas e nas épocas pré-históricas, é a base originária da qual, mediante a restrição num sentido ou no outro, desenvolvem-se

tanto o tipo normal como o invertido. No sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química. (FREUD, 1905, p.137-138)

No entanto, apesar de todo o esforço de Freud para separar sua teoria das difundidas idéias classificatórias da época, abordando a homossexualidade pelo viés do sujeito do inconsciente, valorizando a pulsão e admitindo todas as variações possíveis à sexualidade humana; ainda hoje, o tema da homossexualidade aparece atrelado a um discurso contaminado pela moral sexual religiosa e pelo discurso médico curativo que julga e estigmatiza.

Decerto, o discurso da moral sexual nunca desapareceu. Durante a maior parte do século XX, ciência, religião e política mantiveram-se unidas para aviltar e perseguir os homossexuais. Só a partir da última metade do século XX, foi possível verificar mudanças rápidas e importantes.

Logo após o motim de *Stonewall*, em 1969, iniciaram-se os protestos públicos contra a discriminação de homossexuais. Nesta época, a organização de ativistas gays, convencidos de que as atitudes patologizantes da psiquiatria, a respeito da homossexualidade, tinha grande contribuição no estigma social, resolveram invadir em 1970, e depois, novamente em 1971, as reuniões anuais da Associação Psiquiátrica Americana (APA), afim de protestar contra os danos causados pelos diagnósticos que conferiam à homossexualidade um caráter de distúrbio psiquiátrico. (DRESCHER, 2008)

Em resposta ao protesto e após uma revisão sobre a questão da homossexualidade, que durou mais de um ano, a Associação Psiquiátrica Americana (APA), em 1973, removeu a homossexualidade do Manual Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais (DSM), influenciando outras grandes organizações de saúde mental.

Na sequência da decisão da APA, as atitudes começaram a deslocar-se ao longo do mundo. Nos EUA, a partir da aprovação da Comunidade Internacional de Saúde Mental, a homossexualidade foi retirada do Manual de Classificação Internacional de Doença (CID). Contudo, não poderia deixar de mencionar que, antes da remoção ser formalmente implantada pela Associação Psiquiátrica Americana (APA), os analistas da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), que haviam argumentado contra a mudança, fizeram um manifesto e apresentaram uma petição contestando a decisão do Conselho. O pedido, proveniente de uma reunião ocorrida na Associação Psicanalítica Americana (APsaA), incluía a assinatura de 200 membros que se posicionavam contra a retirada da homossexualidade da lista de doenças. Felizmente, a decisão final do Conselho para remover a homossexualidade foi (re)confirmada por uma maioria de 58% dos membros votantes da APA. (DRESCHER, 2008)

De fato, a comunidade psicanalítica demorou mais tempo do que os outros para adotar esta perspectiva. Desde a decisão tomada, em 1921, pelo Comitê Secreto da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), liderada por Ernest Jones, a profissão de psicanalista foi proibida aos homossexuais. Somente em 1991, setenta anos após a decisão de exclusão tomada pela IPA, foi que a Associação Psicanalítica Americana, em resposta a um processo por ameaça de discriminação, passou a permitir a seleção de candidatos. (DRESCHER, 2008)

Por fim, também em 1991, a Organização Mundial de Saúde passa a desconsiderar a homossexualidade como doença.

Contudo, e após todo o movimento social que ao longo dos anos assistimos contra a patologização da homossexualidade; ainda hoje, nos deparamos com argumentos psicanalíticos que, desconsiderando os aportes freudianos e, muitas vezes, calcados em crenças pessoais,

ajudam para a difusão da homofobia no cenário atual. Para finalizar, citarei como exemplo a Associação Nacional de Pesquisa e Terapia da Homossexualidade (NARTH), onde psicanalistas contemporâneos, atravessados pelo discurso da moral social, invadem o campo psicanalítico e disseminam distorções teóricas e técnica que se revelam na aplicação da psicanálise como forma de “adaptação” e “normatização” do sujeito.

Esta organização, embora não tenha nenhuma ligação direta com a IPA, é composta por vários psicanalistas que são membros da Associação Psicanalítica Americana e que afirmam serem capaz de modificar a orientação sexual das pessoas com base na teoria psicanalítica. A NARTH, fundada em 1992 e inicialmente presidida por Charles Socarides, afirma sua posição oficial: “a homossexualidade é um transtorno tratável que, não só, precisa como deve ser modificado”. (BYRD, [1995])

Não é de se espantar que este procedimento homofóbico e contaminado por crenças importadas de uma moral sexual, receba apoio, inclusive financeiro, de membros da direita radical religiosa, demonstrando a dificuldade, ainda existente, de se desvincular a teoria psicanalítica da crença pessoal em que é formulada por esses discursos. (BERGGREN, [20--?])

Sem dúvida, esse tema, que suscita uma grande quantidade de questões na prática clínica, nos exige repensar a responsabilidade do analista frente ao sujeito, que é sempre sujeito de desejo, mesmo que atravessado pela angústia promovida pela moral sexual difundida no social.

É por acreditarmos que a promoção de versões teóricas desviantes no entendimento da homossexualidade tem efeitos clínicos na condução do tratamento analítico – suprimindo a fala do sujeito, promovendo a crença da necessidade de “cura” e aumentando o preconceito em relação à homossexualidade – que nosso objetivo vem se justificar, lançando um olhar crítico

para o cenário atual, que visa contribuir para a ruptura da clínica da moral e para a sustentação da clínica do desejo, baseada na ética da psicanálise.

## **BIBLIOGRAFIA**

BERGGREN, Niclas. **How Does Psychoanalysis View Homosexuality?**. [s.l.: s.n., [20--?]]. Disponível em: <<http://hem.passagen.se/nicb/frame4.html>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

BOLSONARO, Jair. **O Povo Quer Saber: Jair Bolsonaro**. São Paulo, 2011. Entrevista concedida ao programa CQC do canal Band. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=UrLpLXe-q08>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

BYRD, A. Dean. **A Tribute to Charles W. Socarides**. [1995]. Disponível em: <<http://narth.com/docs/soctribute.html>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

DRESCHER, J. (2008). A History of Homosexuality and Organized Psychoanalysis. **Journal of American Academy of Psychoanalysis**. v. 36, n. 3. Bloomfield, CT. p. 443-460.

FREUD, Sigmund. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908). v. 9. In: **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). v. 7. In: **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MARQUES, L. R. (2008). **Homossexualidade: uma análise do tema sob a luz da psicanálise**. Dissertação de mestrado, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro.

NAPHY, W. (2006). **Born to be gay: história da homossexualidade**. Lisboa: Edições 70.

PASTOR HOMOFÓBICO ESPALHA OUTDOORS CONTRA GAYS NO RIO DE JANEIRO. **Revista Lado A**, Curitiba, 01 out. 2010. Disponível em: <<http://www.revistaladoa.com.br/website/artigo.asp?cod=1592&idi=1&moe=84&id=16883>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

RIO DE JANEIRO. **Projeto de Lei Nº 717/2003**. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro0307.nsf/1061f759d97a6b24832566ec0018d832/0f861847d80c23b483256d8e006b7a36?OpenDocument&Start=1&Count=200&Collapse=1.1>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1998). **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar.

## **SOBRE O AUTOR:**

**Luciana Marques.** Psicanalista. Doutoranda em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Professora do curso de Graduação da Universidade Veiga de Almeida. Professora do curso de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Veiga de Almeida.